GUIA
FÉ NO CLIMA

Reflexões sobre Mudanças Climáticas para Comunidades Religiosas

BUDISMO

GUIA FÉ NO CLIMA: BUDISMO

Instituto de Estudos da Religião - ISER

Diretora Executiva
Ana Carolina Evangelista

Diretor Executivo adjunto
Clemir Fernandes

Diretora de Operações
Luna Rozenbaum

Coordenação Acadêmica
Regina Novaes

Secretária
Helena Mendonça

Assistente Editorial
Lucas Bártolo

Conselho do ISER
Pedro Strozenberg (presidente)
Alice de Moraes Amorim Vogas
Barbara Musumeci Mourão
Ronilso Pacheco da Silva
Vilma Maria dos Santos Reis

Equipe de Religião e Meio Ambiente
Clemir Fernandes
Isabel Pereira
Julia Rossi
Karina Penha
Moema Salgado
Sharah Luciano

Textos
Clemir Fernandes
Fábio Rubio Scarano
Mirim Ju Yan Guarany
Lama Padma Samten
Emersom Karma Kontchog

Projeto gráfico, capa e diagramação
Bruna Souza

Assistente gráfica
Weyni Rodrigues

Revisão
Liana Fortes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I24g
Instituto de Estudos da Religião.
Guia fé no clima: budismo / Instituto de Estudos da Religião. – Rio de Janeiro, RJ: ISER, 2022.
28 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-65-5872-221-2

1. Budismo. 2. Sustentabilidade – Aspectos religiosos. 3. Meio ambiente – Conservação. I. Título.

CDD 261.88

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

ISER

Fé no Clima
Comunidades religiosas e mudanças climáticas

SUMÁRIO

Apresentação 04

Ciência e religião unidas pelo planeta: parceria pela vida 05
Clemir Fernandes

O caminho do diálogo no enfrentamento às mudanças climáticas 06
Fábio Rubio Scarano

Glossário 10

Cronologia 13

A Terra é nossa mãe 15
Mirim Ju Yan Guarany

A mandala da vida no budismo tibetano 17
Emersom Karma Kontchog

Primavera luminosa 19
Lama Padma Samten

Caminhos possíveis para a Ação Climática: 5 ideias para pôr em prática 21

Saiba mais sobre mudanças climáticas 23

Entre em contato 26

APRESENTAÇÃO

Há décadas, fala-se da necessidade de repensar a relação dos seres humanos com o meio ambiente. No entanto, o conhecimento científico acumulado, assim como os alertas dos ambientalistas ao longo dos anos, não foram suficientes para provocar um compromisso verdadeiro dos responsáveis políticos, nem uma transformação profunda na sociedade.

Hoje chegamos a um ponto crítico, em que repensar não é mais suficiente. É preciso agir com urgência contra a crise climática, buscando o engajamento de toda a sociedade na construção de novos paradigmas econômicos, políticos, sociais e culturais. A urgência climática nos desafia para a necessidade de sensibilizar, informar e articular diferentes públicos, potencializando e acelerando essa transformação.

As distintas expressões de fé provocam o sentimento de pertencimento a uma comunidade que nos acolhe, sensibiliza e fortalece. Neste contexto, é reconhecido que lideranças religiosas são importantes comunicadoras, pois dialogam cotidianamente com os valores mais profundos das pessoas. Assim, promover convergência entre ética religiosa e ética ambiental mostra-se um caminho poderoso de mobilização e ação.

A iniciativa Fé no Clima foi criada em 2015 no ISER (Instituto de Estudos da Religião), por um grupo de lideranças de diferentes crenças, com o objetivo de ampliar a mobilização e aprofundar o engajamento de líderes religiosos quanto aos desafios da crise climática.

Este **Guia Fé no Clima: reflexões sobre mudanças climáticas para comunidades religiosas** pretende servir de inspiração e de instrumento de apoio para que religiosos e grupos de fé possam agir - das formas mais diversas possíveis - para construirmos mecanismos de mitigação e adaptação às consequências da grave crise climática que já nos atinge.

A primeira parte do Guia traz um texto informativo sobre a evolução e atualidade das mudanças climáticas. Em seguida, temos a honra de apresentar mensagens e inspirações religiosas de diferentes lideranças de comunidades de fé sensíveis ao cuidado ambiental. Por fim, indicamos algumas ideias para atuação e referências para aprofundamento sobre o tema das mudanças climáticas.

CIÊNCIA E RELIGIÃO UNIDAS PELO PLANETA: PARCERIA PELA VIDA

Clemir Fernandes

Cuidado ambiental e conhecimento científico são expressões naturalmente aceitas como pertinentes numa mesma frase. Já uma associação entre meio ambiente e religião pode soar estranha para muitas pessoas, por desconhecimento e até mesmo preconceito de lado a lado, quanto à relação entre ciência/meio ambiente e religião. Mas há avanços na conexão entre esses campos, como o bom exemplo da encíclica Laudato Sí, além de em documentos de diferentes religiões, como do Budismo, do Islamismo, entre outros.

Muito anterior ao "saber científico", e antes até da religião estruturada, os seres humanos viviam uma relação saudável com o ambiente natural que os cercava. Não havia separação formal entre pessoas e natureza, pois estavam perfeita e profundamente interligadas, mantendo ecologicamente o bem-estar de todos os seres. Essa realidade, no entanto, sofreu mudanças, gerando compreensões e segmentações diversas, com consequências prejudiciais para humanos e o restante da natureza. Com o fosso teórico e epistemológico entre religião e ciência, gerado há cerca de 200 anos como se um fosse contraponto do outro, essa relação se complicou ainda mais.

Entretanto, nos últimos anos principalmente, tem havido uma busca de convergência entre saberes diversos, tanto da ciência, da religião e de povos tradicionais, em prol da proteção ambiental. As diferentes religiões e expressões de espiritualidade têm redescoberto e revisitado suas relações com o ambiente, assim como ambientalistas e cientistas buscam aproximações com tais grupos para ações conjuntas em prol de toda vida no planeta. Neste sentido, comunidades de fé agregam à agenda ambiental um propósito transcendental e um imperativo moral para uma ação de cuidado ativo e responsável.

É neste espírito de diálogo e convergência de saberes que o Fé no Clima atua. A iniciativa inter-religiosa de interlocução entre ambientalistas e diferentes comunidades de fé tem promovido encontros e reflexões, conectando saberes religiosos e científicos, na defesa sagrada do ambiente. Para o bem sagrado de todos os seres.

Clemir Fernandes, *pesquisador e Diretor Executivo adjunto do ISER*

Foto: Encontro Internacional Fé no Clima

O CAMINHO DO DIÁLOGO NO ENFRENTAMENTO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Fábio Rubio Scarano

As ações humanas são responsáveis pelas mudanças climáticas, que têm o potencial de tornar a vida na Terra muito diferente do que conhecemos até aqui. Esta é uma conclusão do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC), de 2013. Tal impacto está relacionado ao fato do ser humano moderno se julgar um ente à parte da natureza.

Contudo, nem sempre foi assim. Na Grécia Antiga, cerca de 300 anos antes de Cristo, Aristóteles atribuía à natureza um status quase divino. Na Idade Média, em cuja poesia ela "tinha voz", a natureza era percebida, ora como ordenadora, ora como geradora de caos[1], mas em geral respeitada.

A percepção de separação – tanto conceitual como existencial - dos seres humanos em relação à natureza avançou entre os séculos XVI e XVIII. A partir da chamada "idade da razão", essa suposta

[1] *Robertson K (2017) Nature Speaks: Medieval Literature and Aristotelian Philosophy. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.*

separação se agrava até hoje. O projeto científico de primeiro entender as partes para depois entender o todo parece incompleto. Ficamos nas partes e o resultado é uma segmentação entre saberes: mundo natural e mundo social. No fim do século XVIII, com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, a lógica do capital avançou vertiginosamente.

> A natureza passou a ser percebida como um obstáculo a ser vencido ou como bem a ser explorado, apropriado e consumido. O resultado desse processo é o que ficou conhecido como Antropoceno.

A HUMANIDADE ULTRAPASSOU OS LIMITES PLANETÁRIOS

O Antropoceno, para muitos, é a era geológica atual[2]. A primeira na qual o impacto de uma espécie – o ser humano – é grande ao ponto de alterar sensivelmente indicadores médios referentes aos sistemas naturais da Terra. Como mostra o mais recente relatório científico do IPCC (2021)[3], acima mencionado, alguns dos limites ultrapassados já são irreversíveis, o que implicará no aumento da frequência de desastres naturais extremos.

Essa realidade fica mais evidente a partir da chamada "Grande Aceleração" pós-1950, devido à velocidade da ação tecnológica transformadora da vida[4]. As mudanças climáticas e as elevadas taxas de perda de espécies são dois dos principais indicadores de que a humanidade teria transgredido limites planetários, isto é, ido além da zona de operação segura[5]. Tal transformação ameaça a sobrevivência da própria causadora do problema: a espécie humana.

PLANETA PODE SE TORNAR INABITÁVEL

Caso o padrão atual da atividade humana se mantenha, o cenário que se delineia é aterrador, de um planeta 4°C mais quente[6]. O Acordo de Paris, assinado em 2015, estipula que, até 2050, os países signatários vão se esforçar para que a temperatura chegue a, no

[2] *O Antropoceno teria algo entre 70 e 250 anos, dependendo do autor. O termo surge com Paul Crutzen e as referências originais são os artigos: 1) Crutzen PJ, Stoermer EF (2000) The "Anthropocene". IGBP Global Change Newsletter 41: 17-18. 2) Crutzen PJ (2002) Geology of mankind. Nature 415: 23.*

[3] *IPCC, 2021: Summary for Policymakers. In: Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [MassonDelmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S. L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M. I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J. B. R. Matthews, T. K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. In Press.*

[4] *Steffen W, Broadgate W, Deutsch L, Gaffney O, Ludwig C (2015). The trajectory of the Anthropocene: the Great Acceleration. The Anthropocene Review 2: 81-98.*

[5] *Steffen W, Richardson K, Röckstrom J, et al. (2015). Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet. Science 347 DOI 10.1126/science. 1259855.*

máximo, 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Tal acordo se baseia em evidências e projeções científicas que dão conta que os efeitos de um aumento de temperatura na faixa de 2°C incluem, dentre outros, degelo do Ártico e dos glaciares, com consequente elevação do nível do mar e inundações, além de queda brutal na produtividade agrícola. Seria um mundo inóspito para a espécie humana e muitas outras espécies[7]. É, portanto, razão de intensa preocupação a constatação do já citado último relatório do IPCC que dá conta que deveremos ter alcançado 1,5°C já em 2030. Ainda que todos os compromissos nacionais do Acordo de Paris venham a ser cumpridos, a temperatura média do planeta deverá se elevar, até o ano 2100, em pelo menos 2.6 a 3.1°C, comparada com os valores da era pré-industrial[8]. Logo, mais esforços na redução de emissão de gases estufa precisarão ser feitos pelos países.

O Brasil, um dos países que assinaram o acordo, assumiu compromissos como zerar o desmatamento ilegal, restaurar 12 milhões de hectares de áreas degradadas, aumentar o uso de biocombustíveis e de energia limpa até 2030. Entretanto, hoje mais de dois terços

[6] *IPCC (2013) Climate change 2013: The physical science basis. Contribution of Working Group I to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, Cambridge.*

[7] *Ver revisão sobre esse tema em Scarano FR (2017) Ecosystem-based adaptation to climate change: concept, scalability and a role for conservation Science. Perspectives in Ecology and Conservation 15:65-73.*

[8] *Rogelj J, den Elzen M, Höhne N, et al. (2016) Paris Agreement climate proposals need a boost to keep warming well below 2° °C. Nature 534:631–639.*

das emissões de gases estufa no país vêm de atividades ligadas a mudanças no uso da terra, como o desmatamento. Em 2019, o Brasil foi o sexto maior emissor mundial. Num cenário de manutenção do atual padrão de emissão, o país tem alta probabilidade de chegar a 2100 com 4°C de elevação de temperatura, em comparação à era pré-industrial. Isso significaria inundação de áreas costeiras e aumento na frequência de ciclones tropicais de alta intensidade, dentre outros efeitos maléficos para a vida de muitas pessoas, principalmente a populações mais empobrecidas, por terem menos alternativas de se proteger. Vários desses eventos extremos já se fazem sentir[9].

É PRECISO PENSAR NAS GERAÇÕES FUTURAS

Para se adaptar às mudanças climáticas, o atual modelo de desenvolvimento, baseado no uso insustentável do meio ambiente, precisará mudar. Assim, a chamada "sustentabilidade" emerge como antídoto aos males do Antropoceno. Hoje se caracteriza como um valor, como ciência, como política e também como preceito ético, na medida em que incorpora a preocupação com gerações futuras e também com as espécies não-humanas da natureza. Com o seu tripé social-econômico-ambiental, a sustentabilidade nos convida a perceber a natureza como parte da solução e não mais como problema, que de fato não é. Este é um chamado para a reintegração do ser humano à natureza. Tal caminho é coletivo, precisa de muito diálogo, da atuação governamental e empresarial, assim como das escolas e meios de comunicação, mas passa fundamentalmente pela transformação individual, por uma nova consciência e prática em nossas casas, em nossas comunidades de fé.

> Dialogar com informação qualificada é essencial para enfrentar o desafio do combate às mudanças climáticas – que envolve conservação da natureza, redução da pobreza e desigualdade.

Se a voz da ciência é necessária para informar e projetar com precisão; se a voz da arte é indispensável para inspirar; se as vozes dos conhecimentos ancestrais – indígenas e tradicionais – são essenciais por serem próprias de humanos que não se apartaram da natureza, a voz da religião é imprescindível para nos remeter ao senso de fraternidade, de casa comum e para renovar a esperança na humanidade e no mundo.

Fabio Rubio Scarano, *professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro*

[9] *Nobre CA, Marengo JA, Soares WR, eds. (2019) Climate Change Risks in Brazil. Springer, Cham.*

GLOSSÁRIO[1]

[1] *Termos são apresentados na sequência em que são mencionados no texto.*

Termo	Definição
Temperatura média global	A temperatura média do planeta é obtida tomando-se a temperatura do ar medida por inúmeras estações meteorológicas ao redor do mundo. A cada uma é atribuído um peso, conforme a área que representam. Calcula-se, então, a média pela soma de todos os valores dividida pelo número de pontos de medição. Hoje, estima-se que a temperatura média global seja 1,1ºC superior ao valor da era pré-industrial e que esse aumento se deve à ação humana no planeta.
Gases de efeito estufa	Conjunto de gases que absorvem parte da radiação infravermelha emitida pela Terra, e que dificultam seu escape para o espaço, mantendo-a aquecida. Tal efeito vem sendo exacerbado pela ação humana, que tem acumulado mais desses gases na atmosfera. O dióxido de carbono (CO2), o metano (CH4) e o óxido nitroso (N2O) são exemplos desses gases.
IPCC	O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas é um painel mundial de cientistas, criado em 1988 pelas Nações Unidas, para produzir regularmente relatórios de avaliação baseados na melhor ciência disponível. Cada edição dos relatórios conta com especialistas do mundo inteiro.
Crise climática	O processo de aumento da temperatura média (aquecimento) global decorrente do acúmulo de gases estufa, predominantemente decorrente de emissões provocadas pelo homem, resulta num estado climático caracterizado por maior incidência local de eventos extremos, que incluem secas, inundações, tempestades, ciclones, tornados, ondas de calor, de frio, etc., sempre dependendo da localidade em questão.
Abordagem reducionista	Faz parte da lógica do método científico desenvolvido pelo cientista e filósofo francês René Descartes, no século XVII, reduzir o todo às suas partes, entender partes, para, em seguida, entender o todo. Pode ser problemática quando se concentra nas partes, deixando de lado o 'todo'.
Antropoceno	Termo cunhado pelos cientistas Paul Crutzen e Eugene Stoermer, no ano 2000, para denominar a atual época geológica, que se caracteriza pela dominação humana e seu imenso impacto na Terra. Tal impacto caracterizaria uma distinção em relação ao restante do Holoceno, o que justificaria, segundo esses autores, a definição de uma nova época. Como sempre, na ciência esse conceito tem encontrado alguma resistência, mas o fato é que já se popularizou e vem sendo empregado em vários campos. O Antropoceno teria algo entre 70 e 270 anos, dependendo do autor.

Sistemas naturais	A ciência, por vezes, reduz o todo universal a sistemas naturais (tudo que existe independente da ação humana, por exemplo, biosfera, sistema solar, etc.) e sistemas humanos (pessoas e tudo que deriva da construção humana, por exemplo, cidades, prédios, etc.).
Holoceno	O Holoceno é a época ainda considerada formalmente pela ciência como sendo a atual, que surgiu com a última glaciação, entre 11 e 12 mil anos atrás.
Mudanças climáticas	Dizem respeito à variação do clima em escala global ou regional. Há um componente natural dessas mudanças, mas o que hoje está em curso se atribui principalmente à ação humana.
Limites planetários	Grupo de pesquisadores liderados pelos cientistas Johann Rockström e Will Steffen propõe haver nove limites que o planeta não deve ultrapassar para que a vida, como a conhecemos, continue a operar em segurança. Três limites, porém, já foram ultrapassados (e são inter-relacionados): crise climática, perda de biodiversidade e desequilíbrio do ciclo de nitrogênio.
Acordo de Paris do Clima	Acordo firmado entre os mais de 190 países que assinam a Convenção do Clima, entre eles o Brasil, que estipula limite de temperatura média do planeta a não ser ultrapassado até 2050. Os países signatários anunciaram também compromissos nacionais de redução de emissões de gases estufa.
Convenção do Clima	A Convenção-Quadro das Nações Unidas para as Mudanças Climáticas foi acordada pelos países signatários no Rio de Janeiro, em 1992. Ela dispõe sobre metas de redução e compensação de emissões de gases estufa e reúne quase todos os países do mundo. Entretanto, o acordo não é legalmente vinculante, ou seja, os países não são penalizados se não o cumprirem.
Degelo do Ártico e dos glaciares	O derretimento da calota polar ártica, bem como o de glaciares em montanhas elevadas (como, por exemplo, Andes, Alpes, Himalaia) é resultado do aumento da temperatura média global. Estima-se que os 14 maiores recordes de derretimento do Ártico se deram nos últimos 4 anos. As consequências são planetárias e incluem elevação do nível do mar.
Mitigação das mudanças climáticas	Diz respeito a ações que envolvam a redução na emissão de gases estufa. Normalmente se relaciona a mudar a matriz energética baseada em combustíveis fósseis, como o petróleo. Energia limpa, conservação de ecossistemas naturais (que estocam e sequestram gases estufa) e mudanças nos padrões de produção e consumo, transporte, etc., exercem tal efeito mitigador.

Adaptação às mudanças climáticas	Ações que aumentam a capacidade humana de lidar com um estado climático alterado em relação ao atual. Em outras palavras, ações que reduzem a vulnerabilidade e o risco de populações humanas se exporem a tais mudanças. O uso da conservação e recuperação de ecossistemas para aumentar a capacidade adaptativa tem se provado eficiente e de baixo custo em vários casos.
Paradigma de desenvolvimento	O paradigma de desenvolvimento vigente é o da geração e acúmulo de capital, baseado na transformação da matéria-prima. A ciência tem demonstrado a insustentabilidade desse paradigma, que exaure os recursos naturais e não assegura uma distribuição justa e equitativa do capital gerado.
Áreas costeiras	São os territórios, habitados ou não, que acompanham a linha de costa, o litoral.
Ciclones tropicais	São tempestades tropicais que se formam geralmente nos oceanos, em zonas de baixa pressão atmosférica.
Desmatamento ilegal	No Brasil, estima-se que cerca de 80% da conversão de ecossistemas naturais terrestres para outros tipos de uso (por exemplo, agricultura) esteja fora da lei. Trata-se, portanto, de um crime que, no Acordo de Paris, o Brasil se compromete a conter até 2030.
Técnicas agrossilvo-pastoris	São práticas que combinam, sobre uma mesma área cultivável, a agricultura, a silvicultura (cultivo de árvores) e a pecuária. Com frequência, tais sistemas de produção são também chamados de agroflorestas e, por vezes, possuem uma orientação orgânica.
Sustentabilidade	Originalmente definido como "o tipo de desenvolvimento que supre as necessidades do presente sem comprometer a habilidade de futuras gerações suprirem as suas", hoje estima-se que o termo já tenha mais de 300 definições diferentes.
Relatório Bruntland	Relatório produzido sob os auspícios das Nações Unidas, em 1987, pela ex-primeira ministra norueguesa Gro Brundtland. O relatório inaugura definições de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade.
Tripé social – econômico - ambiental	Justiça social, crescimento econômico e equilíbrio ambiental são os três indicadores que se integram no conceito de sustentabilidade. Há autores que incluem também outras dimensões.
Ética intergeracional	A ética moderna, de Immanuel Kant, é uma ética humana e com foco no presente. O conceito de sustentabilidade demanda uma ética que se preocupe com gerações futuras, humanas e não humanas.
Neutralização de emissões	Ações que removam gases estufa da atmosfera, compensando emissões, por exemplo, plantio de árvores.

CRONOLOGIA DE EVENTOS IMPORTANTES RELACIONADOS AO ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

- **1784** – Início do Antropoceno
- **1950** – Início da Grande Aceleração
- **1960** – Consolidação do ambientalismo como movimento social
- **1972** – Estocolmo: Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano
- **1979** – Publicação do Relatório Charney: relação entre temperatura, clima global e concentração de gás carbônico na atmosfera
- **1987** – Publicação do Relatório Brundtland: a sustentabilidade emerge como conceito
- **1988** – Lançamento do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU)
- **1992** – Rio de Janeiro: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92)
- **1992** – Rio de Janeiro: são criadas as três convenções da ONU: clima, biodiversidade, desertificação
- **1994** – Relatório do Banco Mundial: sustentabilidade se consolida como conceito
- **1997** – Convenção do Clima: assinatura do Protocolo de Kyoto, que define metas de redução de emissão para países desenvolvidos
- **2000** – Sustentabilidade se torna aparente em manifestos governamentais e começa a compor a redação das missões de grandes corporações
- **2000** – 8 Objetivos do Milênio das Nações Unidas, a serem alcançados até 2015

Foto: Vigília Inter-religiosa Um Novo Dia Pela Terra (Eco 92)

CRONOLOGIA DE EVENTOS IMPORTANTES RELACIONADOS AO ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Cúpula dos Povos (2012) por: Agência Brasil

2006 — Lançamento do Relatório Stern (sobre a economia das mudanças climáticas) e do filme "Uma Verdade Inconveniente" de Davis Guggenheim

2007 — IPCC ganha o Prêmio Nobel da Paz

2012 — Rio de Janeiro: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável

2015 — Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, 17 ao todo, a serem alcançados até 2030

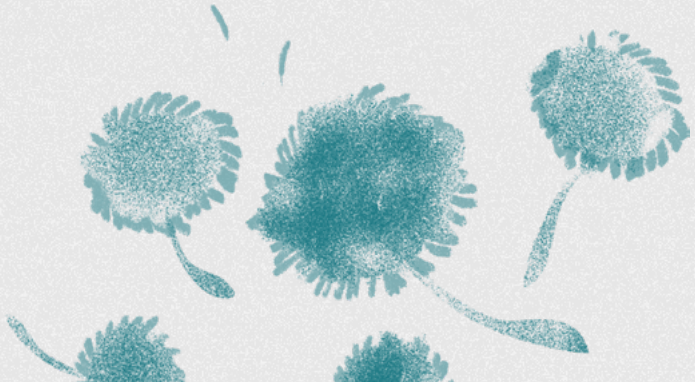
2015 — Convenção do Clima (COP 21): assinatura do Acordo de Paris

2015 — Publicação da Encíclica Laudato Sí, do Papa Francisco

2018 — Início do movimento global Fridays for Future (Sextas pelo futuro), com as greves pelo clima, propostas pela jovem ativista sueca Greta Thunberg

2020 — Pandemia da Covid-19: ciência indica relação da pandemia com degradação de ecossistemas e mudanças climáticas

2021 — 6º Relatório do IPCC alerta: a atividade humana é a principal responsável pelas alterações climáticas e limites de sistemas naturais planetários já foram ultrapassados. Alguns são irreversíveis



A TERRA É NOSSA MÃE

Mirim Ju Yan Guarany

Nós, povos indígenas, reconhecemos que a Terra é nossa mãe e que, por meio dela, somos parte de um universo espiritual muito maior. Essa consciência é compartilhada, também, pelos povos que trazem em suas religiões e culturas a memória ancestral da relação comum, em comunhão com o mundo.

Somos parte de uma imensa diversidade. Hoje, passados mais de cinco séculos de guerra de dominação e homogeneização contra nossos povos e nosso mundo, somos mais de 300 povos distintos no Brasil, com línguas e culturas próprias, e ainda dezenas de povos em auto isolamento nas florestas, fazendo o trabalho silencioso de cuidado com a vida. Infelizmente, ainda hoje, a guerra contra nossos povos e territórios continua. No entanto, mais antiga do que essa guerra é a resistência espiritual, é a consciência ancestral repassada de geração em geração há dezenas de milhares de anos; é a memória viva em nossas culturas, em cada espírito, de quem somos, que vem diretamente do criador para cada povo.

Nossa diversidade é tal como a diversidade da natureza, como o beija-flor. Quantas são suas cores, que em seu voo nos mostra a sutileza do equilíbrio. Por sermos mais novos na Terra do que o restante da natureza, a reconhecemos como nossos irmãos mais velhos e a respeitamos assim, como família. Como nossa mãe, nossa casa, nosso mundo, nosso cosmos, nosso ser. Essa é a consciência que fundamenta nossas cosmologias.

CONSCIÊNCIA É MEMÓRIA, POR ISSO, É ANCESTRAL

Não há fronteiras na relação dos povos indígenas com a Terra e toda a natureza. Assim como, na própria natureza, não existem fronteiras. O rio leva suas águas para ambas as margens, o vento está sempre a voar, sem limites.

A Terra e sua natureza vêm nos ensinando desde que viemos para cá. A sua consciência é muito maior do que a de qualquer ser humano, mas, em comunhão, conseguimos acessá-la e sermos um só. Ambas foram criadas por Nhanderu Tenondé e Nhandexy Tenondé, o Grande Espírito criador, nosso pai e nossa mãe primeiros. A natureza guarda as verdades, a consciência, os códigos e fundamentos da Terra, que orientam toda nossa cosmologia, epistemologias e ciências.

> A Terra é um ser vivo, possui espírito, como toda a sua natureza. É senciente, tem consciência, é sagrada.

Essa é uma verdade original que estamos a compartilhar com toda a humanidade, para que se lembre de suas raízes e ligações espirituais ancestrais, pois consciência é memória e, por isso, é ancestral. Renova-se, mas é o próprio espírito que nos une. E é uma verdade que vem para equilibrar o que está em desequilíbrio para que possamos, juntos, cuidar do equilíbrio da vida. A consciência ancestral traz ensinamentos que foram deixados de lado ao longo do tempo pelas sociedades globalizadas, que são baseadas em uma razão objetificante. É a luz da consciência que pode nos ajudar a compreender mais sobre a verdade do universo, o que é a vida, a vida que somos, nossas sociedades e sobre cada uma e cada um de nós.

CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE DEVEM DIALOGAR

Nossa relação com a Terra e com o território é indissociável. Somos os povos originários ancestrais desta Terra Yvyrupa e a demarcação e homologação dos territórios indígenas é um direito que Nhanderu nos deu, assinado na Constituição Federal e que a Justiça precisa também assegurar. Territórios ancestrais, lugar da vida, onde há a consciência do equilíbrio da vida. Não demarcar gera muita violência e, em si, já é uma violência colonial dominadora.

Algumas filosofias religiosas e científicas tratam a Terra como um objeto, consideram que o homem estaria acima dela e que seria o seu dono. Com base nessa mentalidade de domínio, de 'sou o dono da verdade', quantas guerras não foram feitas? Quanta destruição não resultou dela? Onde os fins justificam os meios, perdidos estão os princípios.

A destruição da natureza, que ocasiona as mudanças climáticas, é muito visível para nós. São cinco séculos de terras sendo destruídas ao nosso redor e indígenas sendo violentados e expulsos de seus territórios tradicionais. Os povos indígenas foram os primeiros que perceberam para onde leva o caminho da destruição. Como dizem os provérbios antigos, quando os rios estiverem sujos, as florestas derrubadas, veremos que dinheiro não se come. Estamos aqui para que as sociedades tomem consciência disso e evitemos mais destruição.

Para que exista equilíbrio entre as diversas formas de vida e o ecossistema, é preciso que ciência e espiritualidade dialoguem, que as instituições, empresas e religiões respeitem os povos indígenas e tudo que temos a dizer. A palavra que define esse diálogo se chama consciência, entendida não apenas como conhecimento, mas como modo de pensar, estar e ser. E os povos Indígenas, como anciões da humanidade, possuem em suas culturas vivas e sabedorias a conexão com essa consciência, tendo muito o que ensinar e continuar aprendendo.

Mirim Ju Yan Guarany
Jovem morador e aprendiz da aldeia Tekoa Itakupe em São Paulo e graduando em Geografia na Universidade de Brasília (UNB).

A MANDALA DA VIDA NO BUDISMO TIBETANO

Emersom Karma Kontchog

A mente do despertar, ou boditchita, é o elemento espiritual central para nós que praticamos o budismo tibetano, no sentido de que, sem ela, tudo se torna estéril; com ela, poderíamos até dispensar o restante.

Em tese, a mente do despertar implica que buscamos realizar a natureza buda não para nós mesmos, mas como um instrumento para que outros seres sejam beneficiados e, no final, também revelem sua iluminação. Na prática, é mais fácil recitar do que fazer. E neste período de degeneração em que vivemos, somos constantemente desafiados em nossas atitudes sobre como aplicar no mundo essa compaixão universal.

Especialmente diante das atuais emergências climática e ecológica, há um chamado gritante para praticarmos os preceitos de nossa tradição. Apesar das consequências desta crise não se desdobrarem de modo tão óbvio e rápido como em uma guerra, no final os resultados são os mesmos: danos, morte, doença e sofrimento massivos, com uma degeneração que não se restringe ao presente, comprometendo o futuro de nossas crianças e de outras formas de vida.

SE BUDA VOLTASSE, ESTARIA CONECTADO COM A PROTEÇÃO AO MEIO AMBIENTE

Hoje talvez já tenha chegado a hora de passarmos a considerar também plantas como seres sencientes, já que sua "inteligência" está bem determinada cientificamente — apesar de operar em outra escala. Muitos cientistas acreditam que isso pode ser estendido até para microrganismos e fungos. Mas independente de considerarmos ou não a consciência vegetal, proteger esse reino é parte dos preceitos desde quando Buda Shakyamuni pisava descalço nesta terra: não destruir a vegetação é um voto da Sangha. Como diz o Dalai Lama, "se o Buda voltasse ao nosso mundo, ele certamente estaria conectado com a campanha para proteger o meio ambiente."

Não saímos desmatando florestas por aí, mas e o nosso consumo, e nossas condições de vida?

> A vida como um todo no planeta está pedindo socorro e, se soubermos escutar, ouviremos esse grito também dentro de nós, já que nossos corpos e mentes estão intimamente ligados à teia da vida.

O desafio da prática da mente do despertar é ir expandindo genuinamente nosso círculo

de cuidado. Seriam bem-vindas até pessoas mais difíceis, como aquelas que criam essas dificuldades em nome do lucro individual — em menor escala, não é isso que também fazemos quando erramos?

No final, esse círculo de compaixão se expande até se fundir com a própria mandala da vida, quando então a ação compassiva e imparcial se torna um reflexo espontâneo da mente da iluminação. Até lá, vamos cultivando nossas ações gradualmente, sem precisar nos limitar no tempo: seres do futuro não são diferentes de nós. Assim como herdamos condições de vidas adequadas devido ao cuidado e preocupação que as pessoas de gerações anteriores tiveram, temos a mesma responsabilidade com as gerações vindouras.

A PRESERVAÇÃO INCLUI ELEMENTOS COMO PEDRAS, ÁGUA E AR

A mente do despertar implica também ação, com a prática das "Seis perfeições". Por exemplo, na perfeição da generosidade, doamos a "proteção contra o medo", ou seja, protegemos outros seres — humanos ou não — contra ameaças. E essa atitude de preservar um ambiente saudável não se restringe a seres vivos, inclui elementos como pedras, água, terra, ar, etc. No vajrayana ou tantra, um aspecto importante do budismo tibetano, não há nada inanimado, tudo é permeado pelas diversas expressões de sabedoria da natureza buda. Nesse sentido, a degradação do ambiente é o mesmo que permitir que se jogue lixo em nosso altar.

Um lembrete constante que o Dalai Lama nos traz é que ficar rezando para o Buda não vai resolver nossos problemas coletivos. Fomos nós que criamos isso e somos nós que temos que resolver.

SIMPLESMENTE MUDAR HÁBITOS NÃO VAI SER SUFICIENTE

Temos pouco tempo antes que as consequências atuais degenerem para níveis muito mais perigosos. Devido a essa urgência, simplesmente mudar hábitos — como consumir menos ou reciclar — não vai ser suficiente para a transformação necessária, já que o próprio modo como nossa civilização produz, consome e gera riqueza é o que está autodestruindo-a. A melhor chance que temos são medidas governamentais, por exemplo, para acabar com as emissões de gases do aquecimento e o ecocídio. Para isso, sem a organização da sociedade em torno dessas demandas, há pouca chance. Isso não tem ligação com política partidária, são ações para tentarmos proteger, sustentar e celebrar a vida — princípios que estão no coração da prática budista.

Emersom Karma Kontchog *é o lama responsável pelo centro budista Palpung Lekpung Nang (https://palpungsp.org). Ordenado como monge em 2013 por Tai Situ Rinpoche, no monastério Palpung Sherab Ling, na Índia, estudou filosofia budista e língua tibetana em comunidades tibetanas nos Himalayas até 2015, realizando depois o tradicional retiro de três anos para lamas.*

PRIMAVERA LUMINOSA

Lama Padma Samten

A presente existência incerta e fugaz se origina de um movimento sutil. Se dá na inseparatividade de nosso mundo mental e emocional com relação aos mundos mentais e emocionais das pessoas ao nosso redor, das autoridades e dos seres infinitamente variados que, junto conosco, constituem a vida. Em conjunto, vivemos a vida e a morte, assim como vivemos a expansão e a dissolução de nossas manifestações nunca perfeitas, em constante transformação.

Quando falamos em relacionamento com o ambiente, é porque nos sentimos separados, é porque perdemos a visão da inseparatividade e então o verbo "relacionar" ganha sentido. Os ambientalistas e indígenas talvez consigam dizer e sentir "eu sou a natureza protegendo a si mesma", mas a não dualidade de modo geral é apenas um conceito, nossa visão segue dual.

SOMOS COMO UM BARCO FRÁGIL EM PERMANENTE AFLIÇÃO

É justo na nuvem transitória dos tempos de degenerescência, onde a lucidez da não dualidade fica obscurecida, que os ensinamentos budistas encontram sua utilidade. Esses ensinamentos nem são orientais e nem ocidentais. Não podem ser geograficamente localizados. Sua essência é entender como nossas mentes funcionam e como funciona a natureza e todos os seres. O método do budismo inclui a observação das próprias estruturas de conhecimento e de energia que geram e dão sentido ao que é observado.

Imersos na profusão das visões e interações, de modo geral somos apenas jogados de uma região a outra, como um barco frágil em permanente aflição nas águas revoltas das visões, planejamentos, emoções e impulsos. Não vemos direções seguras. A situação como um todo é de aflição, aspiramos e nunca atingimos as Terras Puras de harmonia e felicidade.

SENTAMOS PARA CONVERSAR E CRIAR MUNDOS MELHORES

As conversas apreciativas são um método poderoso para avançar coletivamente. Começamos no ponto onde cada um está. Justo nesse ponto, sentamos em roda com as pessoas da comunidade onde nos movemos. Ao sentar-se em roda, as pessoas olham-

se umas às outras e perguntam-se o que tem funcionado bem e o que podem fazer para melhorar suas vidas. Suas respostas uns aos outros dão origem a visões que convergem, gerando o impulso para a ação de suas mentes e energias. Movidas pela energia criativa, referenciadas pelos sonhos conjuntos, surgem mundos mágicos de possibilidades benignas. Nessas realidades luminosas, a felicidade e a lucidez parecem mais próximas.

Sentam-se em roda pais, mães, avós, filhos, jovens, crianças. Assim construímos passo a passo o tecido social compassivo, também os empreendimentos, habilidades e as oportunidades econômicas favoráveis a todos. Não sentamos para criticar ou para nos dividirmos. Estamos todos perdoados antecipadamente pelo que fizemos de equivocado. Sentamos para conversar apreciativamente, para criar mundos melhores.

Sob o ponto de vista espiritual há sempre a presença de desafios e dificuldades, mas com as rodas de conversa apreciativa, a violência e desarticulação não serão respondidas com inimizade e agressão. A negatividade e a dor, em lugar de produzirem mais dor e mais negatividade, passam a produzir o impulso vital que origina a construção de mundos melhores, assim como de relações equilibradas e lúcidas. Essa energia é que dá nascimento espiritual elevado a cada um, sustenta nossas vidas e constitui a própria essência da alegria e felicidade. Ao olharmos em todas as direções com esses olhos de compaixão, amor e alegria, as Terras Puras que todos buscamos desde sempre aparecem como mundos concretos possíveis.

ESTAMOS NO ALVORECER DE UMA NOVA ERA

A felicidade é possível. A mudança da mente muda o mundo. Uma flor é frágil, mas a visão da flor cria a sensação da chegada da primavera, e a antevisão da primavera que chega muda o mundo inteiro. Sim, a realidade é luminosa! Agora é o tempo de acessar as possibilidades do que antes não era visto. Não é mais o tempo da estreiteza da visão e nem do sofrimento. Estamos no alvorecer de uma nova era. A lucidez apareceu, as relações lúcidas, compassivas e poderosas apareceram e se expandem rapidamente. A bruma da visão se dissolve, as flores da primavera já estão a eclodir.

Lama Padma Samten *é mestre budista e dirige o Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), em Viamão, Rio Grande do Sul*

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A AÇÃO CLIMÁTICA:
5 IDEIAS PARA PÔR EM PRÁTICA

Você sabe o que é ação climática?

São ações individuais ou coletivas que visam contribuir para a redução do aquecimento global, e promover capacidade de adaptação às consequências das mudanças climáticas.

1 INFORMAR-SE!

Somente nos mobilizamos para resolver um problema quando entendemos sua gravidade e percebemos os impactos que ele causa em nosso dia a dia. Busque sempre informações qualificadas, pesquise, faça perguntas, procure dados atualizados, acompanhe as notícias e programas sobre a crise climática e outros temas ambientais.

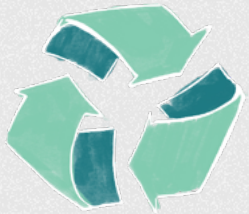
Neste Guia, apresentamos, em grandes linhas, o que são mudanças climáticas, além de vídeos e textos que estão nas nossas sugestões de materiais complementares ("Saiba mais").

2 MUDAR SEUS HÁBITOS!

Procure fazer escolhas conscientes com relação aos seus hábitos individuais e converse com familiares, amigos, vizinhos e membros da sua comunidade de fé para que também façam a parte deles.

Algumas sugestões:

- Use água e luz de forma consciente;
- Sempre que possível, troque o carro e a motocicleta pelo transporte público, a bicicleta ou a caminhada;
- Prefira utensílios reutilizáveis ao invés dos descartáveis, como os sacos e as sacolas plásticas do mercado;
- Dê preferência a mercadorias de produtores locais;
- Reduza o consumo de carnes;
- Diminua o lixo que você produz e recicle o que for possível. Experimente também fazer compostagem com os resíduos orgânicos de sua casa ou comunidade.



3 DIALOGAR COM SUA COMUNIDADE!

Compartilhar conhecimento é muito importante, mas é necessário ir além. Escutar o que os membros da sua comunidade pensam sobre crise climática e sobre quais medidas eles acham importante - e possível - pôr em prática pode ser uma excelente maneira de começar a se mobilizar coletivamente!

Organize uma reunião em sua comunidade de fé e convide mais pessoas para participarem. Como temas de discussão, vocês podem abordar:

- Quais são os principais problemas ambientais do bairro ou cidade em que sua comunidade religiosa está inserida?
- Como os membros de sua comunidade percebem as mudanças climáticas e seus impactos?
- Como os problemas ambientais impactam a saúde das pessoas?
- De que forma a comunidade religiosa pode se organizar para buscar alternativas de enfrentamento desses problemas?

4 CONHECER E PARTICIPAR!

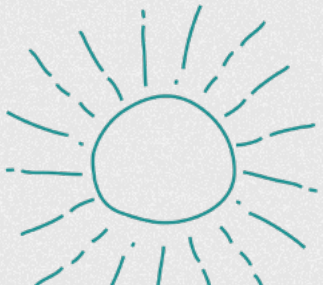
Além de compreender o que são as mudanças climáticas e dialogar sobre isso com a sua comunidade, é fundamental SABER COMO e ONDE AGIR.

Procure saber quais são as instâncias de participação popular do seu município e estado. Informe-se sobre o Conselho Municipal do Meio Ambiente, o Conselho Estadual de Meio Ambiente e o Comitê de Bacias Hidrográficas e suas atribuições, por exemplo. Além disso, conheça melhor as organizações e movimentos ambientais do seu bairro ou cidade e participe deles.

5 VOTAR CONSCIENTE!

Os responsáveis por criar leis e implementar políticas públicas de enfrentamento à crise climática são os políticos eleitos pela população. Antes de escolher os representantes aos quais você confiará o seu voto nas eleições:

- Leia atentamente as propostas políticas dos candidatos/candidatas;
- Escolha candidatos (as) comprometidos (as) com as pautas ambientais, climática e da sustentabilidade;
- Após o resultado das eleições, acompanhe a atuação e o posicionamento dos representantes que você elegeu. Fiscalize!



SAIBA MAIS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Assunto	Título	Instituição	Acesse aqui
Florestas & Amazônia	A importância das florestas em pé	Ipam	Link
	Fórum Global dos Governadores para Clima e Florestas – GCF		Link
	Amazônia em chamas: o que queima e onde		Link
	O ar é insuportável – Os impactos das queimadas associadas ao desmatamento da Amazônia brasileira na saúde		Link
Mudanças climáticas	Impactos das mudanças climáticas no Brasil	Inpe	Link
	Causas das mudanças climáticas	WWF Brasil	Link 1 | Link 2
	Economia da mudança do clima no Brasil: custos e oportunidades	Ipam	Link
	Acordo de Paris sobre o Clima	ONU	Link
	Monitoramento da implementação da política climática brasileira	WRI Brasil	Link
	Falar de mudanças climáticas é falar sobre a sua vida	Greenpeace	Link
	Mudanças do clima	Inpe	Link
	A Covid-19 intensificou a crise climática	Cidadania Inteligente	Link
	5 estratégias para, ao mesmo tempo, mitigar e se adaptar às mudanças do clima	WRI Brasil	Link
	Podcast Revoar - 2ª temporada: crise climática e democracia	Laut	Link
	Políticas de clima	WWF Brasil	Link
	Livro: Mudanças do clima: tudo que você queria e não queria saber Autor: Sérgio Margulis	iCS & Konrad Adenauer Stifitung	Link
	Rio Negro, Manaus e as mudanças no clima	Instituto Socioambiental	Link
	O futuro que queremos	Inpe	Link
	Calculadora de Emissões de Pessoas no Brasil	Observatório do Clima	Link
	Politica Nacional de Mudança do Clima - 2020	Instituto Talanoa	Link

Mares, rios e oceanos	Década do Oceano e a corrida contra o tempo	Eco	**Link**
	Manual de Ecossistemas Marinhos e Costeiros para Educadores	Rede Biomar	**Link**
Efeito estufa	Efeito estufa	Inpe	**Link**
	Camada de ozônio		**Link**
Justiça Climática	Injustiça ambiental e saúde no Brasil	FioCruz	**Link**
	Juventudes e Justiça climática	British Council	**Link**
	Visão das Juventudes	Engajamundo	**Link**
	Cartilha Juventude e Justiça Ambiental	FASE	**Link**
	Justiça Climática	Andréia Coutinho	**Link**
	Racismo Ambiental	Rita Maria da Silva Passos	**Link 1**
		Tatiane Matheus (ClimaInfo)	**Link 2**
	Racismo Ambiental	Diosmar Filho	**Link**
	Clima e Direitos Humanos	Conectas	**Link**
	Gênero e Clima	Observatório do Clima	**Link 1 | Link 2**
Ciclo do carbono	O ciclo do carbono	Inpe	**Link**
IPCC	6º relatório do IPCC comentado (2021)	Observatório do Clima	**Link**
Acordo de Paris	Acordo de Paris - uma guia para os perplexos		**Link**
Energia	Clima e energia	WWF Brasil	**Link**
Cidades e clima	Soluções para emissões de gases nos municípios brasileiros	SEEG Municípios	**Link**

CONHEÇA ALGUMAS ORGANIZAÇÕES REFERENCIAIS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO BRASIL: Clique nos nomes e acesse o link

- Centro Brasil no Clima (CBC)
- ClimaInfo
- COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
- CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – Nacional
- Empodera Clima
- Instituto Clima e Sociedade
- Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM)
- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)
- Instituto Socioambiental
- Observatório do Clima
- WRI Brasil
- Instituto Talanoa
- Iyaleta - Pesquisa, Ciência e Humanidades
- Política por inteiro
- Rede Jandyras
- Plataforma subnacional para o Clima
- WWF Brasil
- Clima de Eleição
- Engajamundo
- Fridays For Future Brasil
- Instituto Perifa Sustentável
- XR Regenerar

A lista de referências e demais fontes acima serão periodicamente atualizadas e publicadas no site do Fé no Clima. Consulte!

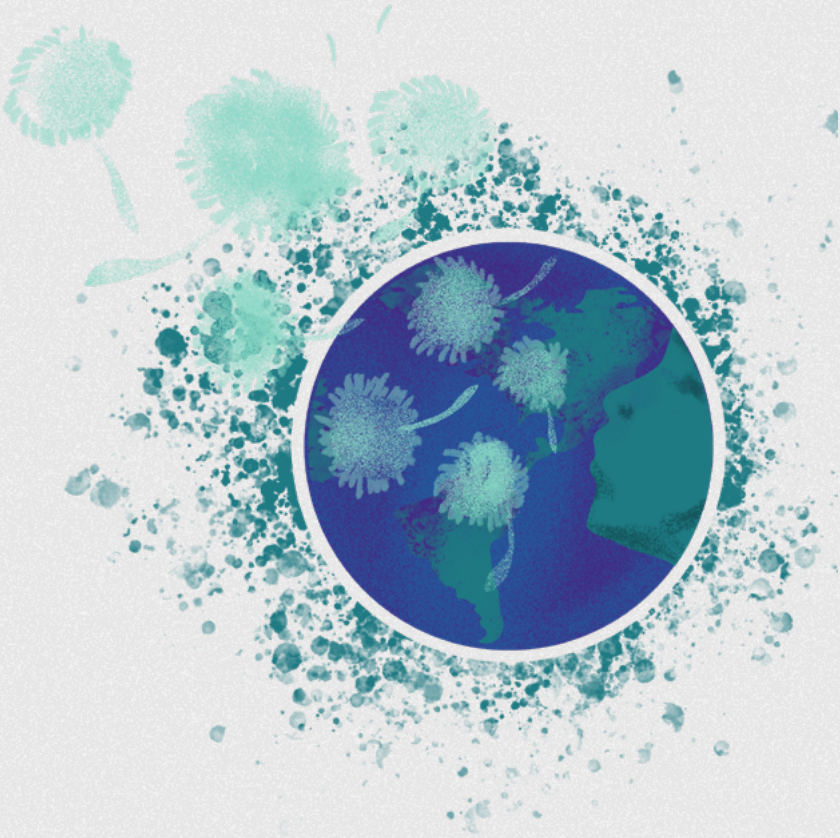
A iniciativa Fé no Clima busca mobilizar e reunir lideranças religiosas de diferentes crenças para a conscientização de suas comunidades de fé no enfrentamento à crise climática. Fazemos isso por meio do diálogo entre cientistas, religiosos, ambientalistas e representantes de povos indígenas, com objetivos de adaptação, resiliência e justiça climática.

Estamos aqui para contribuir com vocês nessa missão!
Acesse nossos canais de comunicação, entre em contato:

site: www.fenoclima.org.br

/Fé no clima

O Guia Fé no Clima pretende servir de inspiração e de instrumento de apoio para que religiosos e grupos de fé possam agir - das formas mais diversas possíveis - para construirmos mecanismos de mitigação e adaptação às consequências da grave crise climática que já nos atinge.



ISER

Fé no Clima
Comunidades religiosas
e mudanças climáticas